Reflexos de Universos

Coletânea Nº 57 A Nº 64



2019 - Reflexos de Universos

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei dos Direitos Autorais 9.610/98.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida,
sob quaisquer meios (eletrônico, fotográfico e outros).
O conteúdo original da obra é de total e
exclusiva responsabilidade dos autores.

Título:
"REFLEXOS DE UNIVERSOS"

Segunda Edição
Ano: 2019
Coletânea
Edições 57 a 64
Edições originais, digitais
1999 a 2002

Formatação e Diagramação:
Reinadi Sampaio

Editor dos textos:
Hermes Santos Filho
Reinadi Sampaio

Imagens e poemas:
Cedidos gentilmente pelos autores: poetas e artistas plásticos

Coletâneas 2019
Nota dos Editores

Reflexos de Universos é uma revista literária, fundada em 1976, por alunos do Colégio Cruz das Almas Colégio Cruz das Almas e apoiados por uma geração de escritores que não tinha acesso aos padrões de edição e distribuição tradicionais. Circulando durante a ditadura militar, não demorou a fazer parte da geração mimeógrafo, também denominada, na época imprensa nanica, que trocava as suas publicações pelos Correios. A partir de 1972 os jornais nanicos adquiriram maior visibilidade, com intervenções marcantes na vida do brasileiro, capitaneadas pelo Jornal Opinião, que marcou a retomada do fôlego da militância cultural e política manietadas pelo AI-5. É verdade que a revista não se propunha à militância, mas procurava "*falar das coisas do nosso tempo, de nossas feridas mais latejantes, sendo realizada através de uma cultura jovem e cruz-almense – senão em idade e local de nascença ao menos em espírito*", frase estampada na capa do número um.

Na primeira fase da revista os números continham de 3 a 5 páginas eram mimeografados e, na época, a revista fazia parte da Geração Mimeógrafo ou Poesia Marginal que tinha um caráter de produção alternativa e acessível aos diversos poetas, se constituindo assim, por sua diversidade de contextos, autores e editores inseridos nesse movimento, um seguimento literário altamente heterogêneo, com estéticas e ideias não predefinidas. As edições custavam pouco, não possuíam grandes meios de divulgação, muitas vezes eram conhecidas apenas nos ciclos mais chegados aos autores e vendidas, pelos próprios, nas ruas de maior movimentação, bares, festas e feiras livres.

Por fim, é importante destacar que apesar das dificuldades passadas na confecção dos números, no decorrer de suas fases, a revista, que nesse ano de 2019 completa 43 anos, permanece ativa, caracterizando-se como uma resistência cultural com o mesmo intuito apresentado naquele primeiro exemplar feito à mão em 1976.

Após uma paralização de 8 anos, de 1991 a 1999, a revista voltou a circular em 1991. A partir daí ela era digitada e impressa em máquina xerox colorida com tiragem de 20 a 30 exemplares, cujos arquivos devidamente guardados eram reativados sempre que o leitor solicitasse. De 1999 até o ano de 2013, as edições deixaram de ser impressas e a revista passou a ser, apenas digital, publicada e distribuída via E-mail para uma mala postal composta dos escritores que participaram de cada edição, assim como para colaboradores externos e simpatizantes. Posteriormente a revista apareceu na mídia (http://galenodavelirio.blogspot.com/) blog da Fundação Cultural Galeno d'Avelirio e em perfil próprio no Facebook.

Neste ano as edições de 1991 a 2013 estarão reunidas, impressas pela editora Agbook como este exemplar, em que são reeditadas as edições 57 a 64, com suas capas originais, os textos em prosa e versos e as artes deste período. Os editores atuais procuraram manter o formato original da publicação à época para que realmente seja uma edição para colecionadores. Por isso algumas fotos ou gravuras não apresentarão uma boa qualidade.

Ao longo deste ano mais quatro edições serão impressas e oferecidas ao publico ledor de Reflexos de Universos, ao lado das edições inéditas de 2019 que irão circular em abril, julho e novembro.

Boa leitura

Hermes Peixoto
Reinadi Sampaio (editores)

reflexos de universos

Ano 22 N. 57 Agosto 99



Flores do Mais

Devagar escreva
uma primeira letra
Escreva
nas imediações construídas
pelos furacões;
devagar meça
a primeira pássara bisonha
que riscar o pano da boca
aberto sobre os vendavais
devagar imponha
o pulso que melhor souber sangrar
sobre a faca das marés;
devagar imprima
o primeiro olhar
sobre o galope molhado
dos animais
devagar
peça mais
e mais... e mais...

Ana Cristina Cesar

Varanda

Dez anos depois "reflexos" retorna. 1989. O número 56 parava a magia poética, rebelde, inconformada e nanica dos poetas do movimento reflexista, surgido em 1976, cuja bandeira, "reflexos de um universo turvo" tremulava mimeográficamente impressa em textos que incomodavam e poemas e versos com rimas e ideias livres.

Ainda que o universo continue turvo, "reflexos" rende-se ao pouco de luz que ainda existe e volta. Quando paramos, naquele número cinquenta e seis Luciano e Uilcon ainda eram vivos, Cazuza e Raul Seixas começavam uma nova viagem e Antonio Luis estreava com "Sem". Ainda existiam os Sapatos Marrons do Anonimato, o Teatro do Porão, a editora Nova Primavera, e todos os sonhos cantados nas praças, nos bares e nos recitais.

O número de hoje seria o 176. Para que números, se 57 é uma nova ideia para recomeçar?

Editores:
Hermes Peixoto, Gláucia Guerra e
Nelson Magalhães Filho
Capa: Criação de Cristiane Barbosa sobre tela de Van Gogh e poema de Ana Cristina César

Agosto de 1999

Sexta-feira

Para Luciano Passos
(ouvindo Light my fire)

As sextas-feiras são sempre primavera em minha alma. Nas sextas-feiras, quando deixo o portão azul para trás, tamborilo no volante do meu carro uma melodia do "Doors" - Light My Fire - e então incorporo uma irrestrita irresponsabilidade.

As sextas-feiras-primaveras autorizam-me beber mais um uísque, ouvir Leandro e Leonardo e escrever um poema elíptico-erótico que fala de Dorothy Lamour e Ednardo. Viajo para Pasárgada e deito na cama do rei com a mulher que eu mesmo escolho e ainda a roubo e fujo. Torno-me avoante e escureço o lado bom da minha lua. As primaveras-sextas-feiras permitem, que eu viva eternamente novo e claro no escuro da lua nova.

As tardes sextas-primaveras-feiras deixam que eu fique muito leve. As noites sexta-feiranas sopram-me no ouvido aquele sussurro desejoso; transmuto-me: sou o vampiro da Suzana, Cícero mão de foice, pipio, mocofaia, o dragão de São Jorge cantando a lua de Caetano, astronauta no planeta sem braços ou Luciano cantando boleros. Perambulo feito um cão vadio, descubro-me no bar de Tingo Seco e namoro Daniela Mercuri, pisada no chão do jornal esquecido. Estou quase eu. Ouço outra vez The Doors e Morrison, muito rouco diz que "o som dessa cidade sou eu". Acredito. Tento cantar A Little Game e só consigo um acalanto de Caymmi. Durmo sobre os charutos do bar de Paschoal. Acordo no sábado, ouvindo Echo e corro, corro corro muito até a próxima primavera. (**Agá Pê**)

Luzes marginais

Como nomear que a vida é bela
sem que o inusitado interfira
na definição e trajeto
de alguma história?
Há que se vir na emulação de universos
no contemplativo e absorto,
um estado de realidade concisa.
O que há de vir sem que saibamos
onde se inserem os atos do anoitecer
estruturando um amanhã fecundo?
Noites dançam tangos gardelianos
enquanto as manhãs se despem
para luzes marginais.
A mim incutes despudor e glória
à sombra de um sol
como se em réstia sacrílega

Gláucia Guerra

Onde eu nasci a flor da laranjeira orna a cabeça dos mortos e o fumo seca nos telhados como escalpos da terra.
As jaqueiras são mulheres grávidas parideiras de mel e as formigas constróem palácios para abrigar as chuvas.
Dos garimpos das ruas brota o ouro das acácias e ainda existem quintais onde as galinhas ciscam o chão da pátria.
(Luciano Passos) - in: Santa Cruz dos Laranjais - 1997).



Um cavalo-bailarino desencravado da terra
saga dos grifos
a cara do fogo
faço garranchos coloridos. As banshees
desapercebido na fluência das rezas
o galo celestial sobrevoa estradas que nos
levam
à porta secreta dos elfos.
Desembarquei numa terra desconhecida
enquanto gritavas com um cesto de rêmoras
nas mãos:
bruxo é
cavalo santo
cálido

Nelson Magalhães Filho

No abismo, encontro deuses
frágeis e insólitos
Daqui, cato taliscas do sol
faço escadas de luz e, abraço
o astro que me alumia

Lita Passos

May be blues

Para Ed Motta

Lamento e tabaco arranham
a voz, sangrando do demo a alma
que um dia foi de Robert Johnson
O Urro em sol maior
singra campos negros de algodão
e sol a sol o preto cego avista
seu horizonte vertical
A gaitarra do Mississipi
varre sofrimentos do Delta
a dor e a dó, em dó menor,
fazem lágrimas de rum
escorrerem até os pés escravos
de um peito alforriado.
Um pranto esquecido
Um acorde lembrado

Pablo Sales

A vida inteira eu quis um verso simples
Pra transformar o que eu digo
Rimas fáceis, calafrios

Adriana Calcanhoto

À meia luz, o tempo me cerra
E esváira-se o ar-cinza, mórbido e frio
Arranca-me em poucos, sem viço, as emoções
E vai e apaga, e esfria
Reveste com hibernal couraça
E deixa-me sem sentimentos

Antônio Luiz Eloy

Incenso
fosse música

Isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além

Paulo Leminski

sonho que se sonha só
é só um sonho que se sonha só
mas sonho que se sonha junto
é realidade

Raul Seixas

Estou entre a aflição do breu
e a solidão dos astros
As marés mudam como as ondas cerebrais
Em toda poesia há uma vírgula
ou um ponto
Em todo biorritmo há um/
É nesse / que espero você
"Todos os efeitos são recíprocos"
Aprendi isso com jung e com meus sapatos
A auréola do céu
está entre seus dedos
Vejo a paisagem do universo
em suas mãos
e o dedo anular escravo de um desejo
todo poema é um presságio
e há uma sentença entre meus versos
em todo prazer há um risco
e em toda cumplicidade há um delírio
na sagacidade do olho
a possibilidade do ato
e a doçura exata da palavra escrita
No ardor do fogo
que o ar atiça
o complemento mudo
e o desejo raro

Patrícia Mendes

Um sonho

(Soneto para Iolanda

São Félix - 1942)

Sonhei, Landinha, que estavas orando
contrita em preces aos pés do altar
e em silêncio sonoro, então escutando
eu quis também ir contigo rezar
Sonhei, beleza, que estavas beijando
do Bom Jesus, meiga face a sangrar
em desejo ardente, talvez inda sonhando
eu quis também naquela igreja te beijar
A nave deserta e o santuário mui lindo
e beijei em sonho, os teus lábios de criança
você mui bela e em meiguice sorrindo
Sonho bendito, desejo puro, amor de verdade
o despertar constrangido repleto de esperança
santificado sonho, sagrada realidade

Nelson Magalhães

Poema antipedagógico

- ei, me empreste a borracha
- eu não tenho, nunca trago borracha
- por que, você não costuma errar ?
- não, bicho, é que eu jamais acerto

Uilcon Pereira

Teorema do medo

Era tudo uma grande mentira. Sonhos estranhos atropelavam as noites, estilhaçando vidraças e tímpanos mais sensíveis à suavidade daquele vento hostil. Sempre tomávamos vinho tinto, enquanto violávamos o sossego daquelas avenidas amplas e pegajosas.
Senhoras dementes sorviam nossos desejos, entre bafejos gelatinosos e sombrias declarações de amor. Em meio a discretos suicídios coletivos. Certamente que haviam toneladas de espíritos sorrateiros a nos espionarem pelas esquinas, mas éramos todos ingênuos e voláteis, a ponto de crermos na nossa impunidade. Milhões de megatons explodiam sob nossas retinas, a ferirem-nas suavemente.
Todos os dias a nossa essência exalava mais um pouco em frascos homeopáticos. O medo era tão grande que as pessoas se recusavam a senti-lo. Pela brecha no olhar de cada transeunte via-se estampado o temor de andar pelas ruas após o anoitecer. As flores de inverno brotavam timidamente sobre a calçada, musicais e eternas. Apenas um velho colecionador de mentiras se aventurava a sair do abrigo nuclear subterrâneo. Talvez por isso, seu busto embeleza a praça principal da cidade, desde aquele tempo. Pois sua alma foi encontrada, anteontem carcomida pelos lobos e escorpiões que desfilam pela estrada poeirenta e longa que nos separa da vida

Luis Carlos Mendes

Homônimos

Corpos homônimos
espreitam a noite
E num ângulo escaleno
a lua passeia
desvairadamente.
- Cada caso de amor
tem um signo-chave.

Edisandro Barbosa

ele, com seu corpo de lagarto
e nuvem
roça-me com uma pele lambuzada
de semente e rebeldia
roça-me e -
no seu linguajar de pássaro
ele, pássara
de codinome e arrepio
rebela-me
revela-me
e num silêncio de óntens
revelo-te-me
pele e...
encantos de profecia
couro de um gato xadrez
num relance de pétala
encaro-te-me

Graça Sena

Chove tanto que dá vontade de chover também
descer correndo ladeira abaixo
lamber folhas e caracóis
entrar na pele das pessoas
e um dia sair mansinho
pelo canto dos seus olhos

Denise Costa

Eternos Reflexos



Ana Cristina Cesar

Os gatos de músculo me atentando
me querendo sem roupas e ao frio...
"onde a loucura dorme inteira e sem lacunas"

Este é o quarto de Augusto. Avisou que vinha. Lavei os sovacos e os pezinhos. Preparei o chá. Caso ele me cheirasse... Ai que enjoo me dá o açúcar do desejo.

Sem você bem que sou lago, montanha
Penso num homem chamado Herberto.
Me deito a fumar debaixo da janela.
Respiro com vertigem. Rolo no colchão.
E sem bravata, coração, aumento o preço.